

VISÃO DO CORREIO

Gestão do trabalho e competitividade globalizada

Em um mercado global que diariamente lida com transformações, garantir o sucesso do negócio requer adequações constantes das empresas — sejam elas pequenas, médias ou grandes. Hoje, a tecnologia impacta de forma contínua e acelerada a produção e o modo de operação. Diante dos desafios, estratégias que ofereçam respostas às expectativas dos colaboradores são fundamentais. Inovação, gestão da remuneração e ambiente saudável precisam estar em destaque nas planilhas para atestar a competitividade. No Brasil, que tem a seu favor o trunfo da elevada capacidade criativa dos seus trabalhadores, uma nova exigência tende a contribuir para a melhoria dos processos internos e, conseqüentemente, para o crescimento do país.

Desde a última terça-feira, está em vigor uma atualização na Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1) que altera a maneira como a saúde mental de funcionários deve ser considerada no Gerenciamento de Riscos Ocupacionais (GRO). No papel, a regra amplia a responsabilidade dos empregadores sobre fatores que podem levar ao adoecimento, como metas abusivas, jornadas exaustivas, pressão contínua, assédio moral, sobrecarga e falhas na organização. Na prática, tira essas questões do campo subjetivo, colocando-as lado a lado com as demais demandas da atividade e provocando impactos trabalhistas, financeiros e até mesmo na reputação do negócio.

Mais do que antes, estar atento ao bem-estar dos colaboradores passa a ser requisito para reter e atrair os talentos que fazem a diferença no balanço final das empresas. Mas essa demanda na agenda corporativa brasileira necessita de uma profunda mudança administrativa e cultural para ser cumprida. A realidade mostra que o país ainda terá de percorrer um longo caminho para atingir a ampla implementação da normativa.

Segundo o Anuário de Benefícios e Práticas

Corporativas 2026, 58,9% das empresas dizem estar “totalmente preparadas” para cuidar da saúde mental dos funcionários. Porém, somente 11,7% monitoram horas extras, 23,9% acompanham o clima organizacional e 44,9% analisam indicadores de rotatividade. Em relação aos planos de carreira e salários, que influenciam diretamente a vida dos empregados, 72% dos mapeados afirmam possuir, mas 37% dos colaboradores dizem que eles inexistem. Esses dados comprovam que há um cenário de adaptação lenta e, também, de dificuldades estruturais para colocar a saúde mental como item prioritário nas agendas corporativas.

A mudança regulatória impõe que o sofrimento psicológico relacionado ao trabalho deixe de ser encarado com ações superficiais, como palestras, cartilhas e discursos de acolhimento. O tema ganha valor de governança, mudando totalmente a atuação das lideranças. Além de medir e controlar a incidência de acidentes físicos, o uso de equipamentos de segurança e os perigos mecânicos, os gestores precisarão avaliar a exaustão emocional das equipes. Por outro lado, perceber que os ambientes adoecidos geram perdas operacionais, baixa produtividade e aumento de passivo traz a oportunidade de enfrentar os problemas, tornando o negócio capaz de progredir diante dos atuais parâmetros dos consumidores e dos trabalhadores.

Com pressões diárias e uma concorrência sem fronteiras, não é possível fugir da garantia de relações sustentáveis no ambiente de trabalho. O empregador brasileiro precisa criar mecanismos flexíveis, assegurando a satisfação dos funcionários. Está claro que a geração que se prepara para dominar o mercado carrega determinação na busca de equilíbrio entre o profissional e o pessoal — e essa medida incorpora saúde física e mental. O Brasil não pode ignorar essa nova ordem se quiser crescer e ser competitivo em âmbito globalizado.



PATRICK SELVATTI

patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

A marca acima da entrega

Existe um fenômeno evidente no entretenimento, no esporte e na comunicação: a insistência em nomes que já não correspondem às exigências da função, mas continuam sendo escolhidos porque carregam uma marca comercial poderosa demais para ser ignorada. O problema surge quando a força do nome se sobrepõe à necessidade técnica do cargo, o marketing vence a meritocracia e a marca se torna mais importante que a entrega.

O exemplo mais emblemático no Brasil, talvez, seja Neymar. Ninguém discute sua importância para a história recente, mas o futebol é um esporte de momento, desempenho e condição física. A proximidade da Copa do Mundo reacende o debate sobre sua presença na Seleção Brasileira. A pergunta que deveria nortear a discussão é: Neymar oferece hoje o que a Seleção precisa para conquistar o hexa?

A resposta precisa ser técnica, e justamente aí mora o conflito. O peso comercial do seu nome muitas vezes parece tornar impossível uma avaliação fria sobre sua utilidade esportiva real. Enquanto isso, jogadores em melhor fase disputam espaço com alguém cuja presença é tratada como inevitável antes mesmo de qualquer análise de rendimento.

A lógica é semelhante à observada na dramaturgia. Em *Quem ama cuida*, a escalção de Tatá Werneck para interpretar uma stalker obsessiva expõe uma questão que a televisão evita enfrentar. Ela construiu uma carreira admirável no humor, mas carisma e popularidade não substituem adequação. O papel exige densidade dramática e camadas psicológicas complexas. No entanto, a atriz carrega uma identidade humorística tão consolidada que o espectador tem dificuldade para enxergar a personagem além da figura pública,

resultando em uma interpretação atravessada por maneirismos da comédia. Isso não significa que atores de humor sejam incapazes de fazer drama, mas o problema é quando a escolha parte menos da personagem e mais da necessidade de manter uma marca valiosa em evidência.

Essas decisões não afetam apenas o resultado final de obras ou equipes; elas fecham portas. Cada vaga ocupada por um nome escolhido por seu valor comercial é uma vaga negada a alguém mais preparado para aquela função específica.

O fenômeno se repete na crescente presença de influenciadores na dramaturgia. Em vez de critérios artísticos, muitos chegam às novelas impulsionados pelo alcance nas redes sociais. A situação alcança níveis ainda mais curiosos quando vemos influenciadores deslocados para áreas diferentes de suas especialidades. A escolha de Virgínia para a cobertura da Copa do Mundo ilustra isso. Não importa a experiência jornalística ou o conhecimento tático; o que importa é o potencial de engajamento e a repercussão digital.

O mercado não entendeu que atenção e competência não são sinônimos. A consequência é um sistema que gradualmente substituiu especialistas por celebridades, e qualificação por relevância comercial. A audiência pode até vir no primeiro momento, mas, a longo prazo, a qualidade sofre: o futebol perde competitividade, a dramaturgia perde credibilidade e o jornalismo perde autoridade. Marcas são importantes, mas quando sua preservação se torna mais importante do que a execução da função, o resultado costuma ser medíocre. Escolher quem melhor desempenha a tarefa no momento deveria ser o foco. Nem sempre o nome mais famoso é o mais adequado.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Facções 1

Como de costume, o clã bolsonarista e a extrema-direita não se preocupam com o povo brasileiro, mas com os interesses pessoais e políticos. Para eles, não foram suficientes as taxações exacerbadas dos Estados Unidos contra os produtos brasileiros. O senador Flávio Bolsonaro articulou com o secretário Marco Rubio a classificação das facções PCC e CV como terroristas. Atitude essa que, para especialistas em segurança, é perigosa e coloca em risco a soberania brasileira. Ficou claro, para a maioria dos brasileiros, que o senador quer ganhar pontos na sua candidatura à Presidência e desmoralizar o presidente Lula, seu principal concorrente nas eleições, mesmo sabendo que isso pode interferir na soberania brasileira.

» Evanildo Sales Santos

Gama

Facções 2

Ainda tento entender como um senador da República deixa o seu país e vai ao exterior defender uma medida que pode gerar consequências para o Brasil. A classificação do PCC e do Comando Vermelho como organizações terroristas pelos Estados Unidos é um tema complexo, cujos impactos sobre a economia, a diplomacia e a segurança pública brasileira merecem amplo debate. O ex-deputado cassado Eduardo Bolsonaro foi um dos principais articuladores do pedido ao governo norte-americano para que essas facções recebessem tal classificação. Aliás, também foi bem-sucedido na articulação das sanções tarifárias impostas pelos Estados Unidos em desfavor do Brasil. O que chama atenção é que o senador Flávio Bolsonaro teve entre seus aliados políticos os ex-deputados estaduais TH Joias e Bacellar, presos por envolvimento com o Comando Vermelho.

» Marcus Aurelio de Carvalho

Santos (SP)

Facções 3

Se o presidente dos EUA, Donald Trump, exagerou classificando PCC e Comando Vermelho de terroristas, por outro lado oportuno foi para acordar nossas autoridades de que esses grupos criminosos precisam ser enfrentados diuturnamente e evitar que, num futuro próximo, venham a comandar o país. Hoje, atuam dentro das nossas instituições e com muita presença em vários setores da atividade econômica. Gerais consultados pela nossa imprensa, apesar de também não concordarem com a decisão de Trump, apontaram o fracasso do nosso país em lidar com o crime organizado. Principalmente nessas últimas duas décadas em que PT e Lula nada fizeram para combater a criminalidade. E o Lula, em outubro de 2025, estarecendo a nação, teve a petulância de afirmar que “traficantes são vítimas dos usuários”.

» Paulo Panossian

São Carlos (SP)

Cores da fé

Na próxima quinta-feira, 4 de junho, celebraremos a solenidade de Corpus Christi, manifestação pública da fé na presença de Jesus no Santíssimo Sacramento e de comunhão eclesial. A ideia de comemorar a presença do corpo de Cristo na eucaristia (transformação do pão no corpo e no sangue do Messias) partiu da freira belga Juliana de Mont Conillon, no século 13. No Brasil, o primeiro Corpus de Christi ocorreu em 1549, em Salvador (BA). As autoridades organizaram o cortejo, do qual todos os moradores da cidade foram obrigados a participar. Vem aí mais uma edição

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Quem fala em soberania não conhece o Rio de Janeiro, onde a maioria dos moradores sofre com o domínio territorial de traficantes!

André Queiroz — Brasília

Alguém está com o dinheiro do BRB por aí. Por que não pegam o dinheiro de volta? Tem que fazer empréstimo para ser roubado novamente?

José Vasco — Brasília

Fux pediu agilidade para resolver problema do BRB, revela Durigan. Agilidade deveria ter a Polícia Federal e prender os responsáveis por esse rombo bilionário para o povo do Distrito Federal!

Michel Moura — Brasília

Santa inteligência abrirem o Autódromo para os corredores. Agora, talvez, acabem os engarrafamentos na Ponte JK em pleno sábado, domingo ou feriado!

Lucas Lima — Brasília

Crise de energia deixa 90% dos venezuelanos sem energia. Ainda bem que Donald Trump, o presidente dos EUA, está ajudando o povo da Venezuela. Como ele é bom!

Eunin Silva — Gama

da tradicional festa na Esplanada dos Ministérios. Os grupos jovens das paróquias vão confeccionar os famosos tapetes feitos de areia, serragem e palha de arroz no gramado em frente aos ministérios. Venha e participe!

» José Ribamar Pinheiro Filho

Asa Norte

Canetinhas ilegais

A obsessão social pelo emagrecimento rápido abriu espaço para um mercado clandestino que lucra com a vaidade das pessoas. As canetas ilegais, vendidas em salões, hotéis e redes sociais, circulam como se fossem cosméticos quando, na verdade, são um risco real à saúde. Entretanto, esse comércio só existe porque há quem se aproveite da vulnerabilidade alheia. A saúde virou mercadoria, o corpo virou alvo e o crime descobriu um filão lucrativo. Onde está a fiscalização?

» Paccelli M. Zahler

Sudoeste

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

ANUNCIOS*
SEG a DOM
R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.uudapress.com.br